



06 de novembro 2024
Memória de São Nuno de Santa Maria, religioso



Um fim com ar de começo

Em pleno ano dedicado à oração, como antecâmara para o Jubileu 2025, onde a esperança, qual “coluna inabalável que sustenta toda a santidade”, nas palavras de S. Luís de Montfort (Ct 7, 2), deverá ser a meta do caminho espiritual dos cristãos, e estando nós com o final do ano litúrgico à porta, eis surgir no horizonte o novo tempo, o Advento, para bem acolher Aquele que vem para fazer a diferença na nossa vida: Cristo Senhor. Tempo para preparar o coração para a Sua vinda. O Senhor vem para nascer em nós e entre nós. O Seu nascimento não pode passar despercebido à humanidade sufocada por tantas inquietações, tragédias e inumeráveis distrações.

O Advento descentra-nos de nós e faz-nos clamar como o profeta: “Senhor, volta atrás, por amor dos teus servos” (Is, 63, 17). A humanidade está a ficar muito para trás, tanto pelo peso do pecado, por escolhas que atentam contra a vida e ofendem o projeto de Deus e a consequência desse caminho: a falta de esperança. Se há esperança, para muitos essa realidade já não é para eles, tal como Kafka sentenciava: “*Esperança há, mas não para nós*”.

O mundo precisa tanto do Seu Natal que não pode esquecer de preparar a Sua vinda: Eis o Advento. Um despertador da alma que faz levantar os olhos para o Senhor, esvaziar o coração de tanta tralha e voltar à intimidade do primeiro amor, e não adormecer na mediocridade de achar que já tudo foi feito e que o mundo não muda. A resignação e o pessimismo não podem dominar o coração de quem sabe que a última palavra sobre o mundo e o homem quem a tem é Deus.

Vivemos nos últimos dias momentos belos de reflexão, celebração e encontro de tantas pessoas de diferentes origens, culturas e formações, no entanto todas apaixonadas pela espiritualidade monfortina, falo das Jornadas Marianas com Montfort. Trata-se de um acontecimento, entre tantos outros que vão irrompendo no nosso quotidiano, que nos deve catapultar para a confiança no potencial da nossa espiritualidade e para a fecundidade da *missio montfortana*. A esperança também é para nós e para a nossa congregação. Ousemos também neste sentido correr riscos.

Que os sentidos não nos adormeçam, os desejos estejam vigilantes na busca do que está para além das estrelas e que a mente e coração se deixem surpreender pela vinda do Senhor. Vem, Senhor Jesus! Para todos votos de um santo tempo de Advento.

Pe. Amílcar Tavares,
Superior da Delegação

Apresentamos um Eco das Jornadas Marianas com Montfort 2024

“A Virgem Maria, mulher orante”



Realizaram-se uma vez mais, no fim de semana de 26 e 27 de outubro, as Jornadas Marianas com Montfort, com o tema “A Virgem Maria, mulher orante”. O encontro organizado pelos Missionários Monfortinos, sob a responsabilidade dos Padres Carlos Vieira, Luís Oliveira e Luís Ferreira, realizou-se em Fátima. Nestes dois dias, cerca de 200 participantes portugueses, brasileiros e espanhóis, para além de conhecer melhor o papel de Maria na economia da salvação, e conhecer, partilhar e viver a

espiritualidade mariana de São Luís de Montfort. tiveram a oportunidade de rezar. A organização procurou, como vem sendo hábito, criar um ambiente de proximidade entre o que se diz e o que se vive. Para além das reflexões apresentadas pelos conferencistas, houve a Eucaristia de sábado presidida pelo Patriarca de Lisboa, D. Rui Valério, SMM, a Adoração do Santíssimo, o Terço na Capelinhas das Aparições no sábado à noite e a Eucaristia dominical no recinto do Santuário.

Foi, pois neste ambiente, verdadeiramente monfortino de “hospitalidade, internacionalidade e ternura”, que os participantes tiveram a possibilidade de questionarem os conferencistas, ou mesmo, testemunharem as suas vidas, especialmente no momento da tarde de sábado onde houve espaço para a partilha da vivência mariana, com ou sem a Consagração segundo o método de Luís de Montfort.

Na 1ª Reflexão, tivemos o padre Luiz Stefani, SMM, antigo Superior Geral da Congregação dos Monfortinos: «A oração: O que é? Porquê? Como?», colocou-nos no âmago da questão. Mais do que falar do como, o mais importante é mesmo rezar. Para o cristão não há sobrevivência sem a oração. Precisamos de melhorar esse tempo em que estamos com o Senhor. Jesus orava como qualquer judeu, nas horas e nos tempos próprios, mas Ele era diferente deles porque procurava lugares isolados e momentos diferentes para estar com o Pai. A oração do «Pai Nosso» é fruto desta originalidade. Podemos aprender com Ele e deixar que o Espírito Santo aja em nós. D. Rui Valério, SMM, na sua homilia eucarística tocou nesse ponto: a obra do Espírito Santo e de Maria em nós. No fundo, como nos diz Montfort: *«Eu não acho que uma pessoa possa ter uma união íntima com Nosso Senhor e uma perfeita fidelidade ao Espírito Santo, se não tiver uma grandíssima união com a*

Santíssima Virgem». Eis o fundamento da espiritualidade de Luís Maria Grignion de Montfort. «*Toda a nossa perfeição consiste em ser conforme, unidos e consagrados a Jesus*». Imitar Maria quer dizer seguir a *criatura mais conforme a Jesus*.

O padre Luizinho, assim é conhecido entre os confrades, descreveu ainda diversos tipos de oração que podemos fazer: Adoração; Petição; Intercessão; Salmos e Contemplação.

A 2ª Reflexão foi feita pela Irmã Ângela Oliveira, ASM: «*Maria, mulher orante*». Toda a sua reflexão partiu de uma pintura de Maria a segurar um sacrário no colo com os braços abertos. Maria abre-nos os e aos mistérios de Jesus Cristo. Ela ama

porque é amada, *olhada* por Deus, como quem está ao cuidado de alguém. E é também, neste seu olhar atento que recebe de Deus, que pode ser mediadora, intercessora de todo o cristão. Maria sabe que só o seu filho pode colmatar as nossas necessidades. Ela não é um ponto de chegada, mas caminho, tal como fez com a sua prima Isabel. Depois da Anunciação, *levantou-se apressadamente e pôs-se a caminho*, a Visitação.

Antes da Adoração do Santíssimo, houve a 3ª Reflexão proferida pelo padre Ricardo Figueiredo do Patriarcado de Lisboa: «*O Todo-poderoso fez em mim maravilhas*»: a Virgem Maria e a dimensão teologal da vida cristã». Maria é o modelo para a Igreja (Lumen Gentium 1) porque resplandece a luz de Cristo, tal como a Lua está para o Sol. Ela é modelo na fé, na esperança e na caridade. E Montfort percebeu isso. Este nosso santo vive a Consagração pelas mãos de Maria como missão. «*É o credo da Igreja. – Creio para Ti. É um creio em ti, não porque se acredita que algo exista ou porque se acredita em alguém, mas creio que os teus braços me sustentam, me agarram, me protegem*», disse-nos o padre Ricardo.

No domingo, o padre Luiz Stefani, SMM, proferiu a 4ª Reflexão: «*A oração em Montfort*». A partir do Discurso do Papa Francisco aos participantes no Capítulo Geral da Companhia de Maria (Monfortinos) em 2023, deu destaque às características da espiritualidade monfortina: o acolhimento, a multiculturalidade e a ternura maternal. Toda a vida de Montfort foi uma oração porque ele procurou, encontrou e ficou com a Sabedoria. Os sacramentos do Batismo e da Eucaristia, o Mistério da Encarnação e Maria, são fulcrais na oração de Luís Maria. A vida dele foi missão e missão que era oração. Até o desejo de uma pequena Companhia era oração, como está bem expresso na Oração Abrasada. O fim último de toda a devoção é Jesus Cristo, Sabedoria Eterna. A Consagração é a expressão



máxima da consagração total. Trata-se de consagrar toda a vida. A vida toda. Então, toda a vida é oração. As últimas palavras do santo de Montfort: «Estou entre Jesus e Maria».

Depois de dois dias de partilha, as Jornadas terminaram com a renovação da Consagração Monfortina de todos os participantes, presidida pelo Padre Carlos Vieira, SMM.

No encerramento, o padre Amílcar Tavares, Superior da Delegação dos Monfortinos em Portugal, fez agradecimento final aos conferencistas, a todos os participantes, bem como às irmãs Concepcionistas onde se realizaram as Jornadas, e ao canal Rádio/TV Canção Nova e à Agência Ecclesia pela divulgação desta iniciativa.

Depois disto, a organização também agradeceu ao Padre Amílcar Tavares, em final de mandato como Superior, que foi um dos grandes impulsionadores depois do intervalo forçado pela epidemia da Covid 19. Fica aqui também o meu muito obrigado a ele e a toda a equipa organizadora.



Prof. Paulo Victória

(texto que esteve na base daquele que foi feito pela Agência Ecclesia:

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-portugal-missionarios-monfortinos-refletiram-sobre-irmã-concepcionista-mulher-orante>)

UMA RENOVAÇÃO DA MISSÃO

“Muito já se disse a respeito da missão e da dimensão missionária da Igreja, mas o que é a missão? Permanece válida aquela chamada de atenção que o Papa Bento XVI deixava à Igreja em Portugal, aquando da sua visita em 2010: «Muitas vezes preocupamo-nos afanosamente com as consequências sociais, culturais e políticas da fé, dando por suposto que a fé existe, o que é cada vez



menos realista. Colocou-se uma confiança talvez excessiva nas estruturas e nos programas eclesiais, na distribuição de poderes e funções; mas que acontece se o sal se tornar insípido?» (BENTO XVI, Homilia, 11 de maio de 2010). A missão na Igreja hoje é redescobrir o sal que somos chamados a ser no mundo de hoje. Deste modo, a missão não é outra coisa que fazer acontecer Cristo, aqui e agora. E isto não é teoria. É a vida de Deus que acontece.

São Luís Maria Monfort oferece um binómio que vos sugiro como convite a compreender o que significa a missão. Ele une de forma inseparáveis consagração e missão. Não pode haver missão sem consagração, sem estarmos verdadeiramente empapados em Cristo. Só assim podemos levar Cristo aos outros. Jesus Cristo é o consagrado por excelência e a sua consagração, a consagração messiânica, mostra que a consagração é a relação ímpar e única com Deus. Deste modo, só há verdadeira consagração e missão na presença em nós da vida divina. Do mesmo modo, a eclesiologia apresenta a missão da Igreja como originária nas missões das Pessoas da Santíssima Trindade: ou seja, a Igreja não age na missão como uma realidade autónoma de Deus. Se isso fosse assim, a sua missão era vazia. Só a partir de Deus, em Deus e para Deus se pode entender a missão eclesial. A Igreja é missionária porque ela é verdadeiramente reunida à imagem da Santíssima Trindade.

Há realidades em que é necessário tornar evidente a presença de Deus: a família, o mundo laboral, a academia, e muitas outras realidades. De forma corajosa e incisiva, afirmava o Papa Francisco em 2019: «Nas grandes cidades, precisamos de outros “mapas”, outros paradigmas, que nos ajudem a situar novamente os nossos modos de pensar e as nossas atitudes: já não estamos, irmãos e irmãs, na cristandade! Hoje, já não somos os únicos que produzem cultura, nem os primeiros nem os mais ouvidos. Por isso precisamos duma mudança de mentalidade pastoral, o que não significa passar para uma pastoral relativista. Já não estamos num regime de cristandade, porque a fé – especialmente na Europa, mas também em grande parte do Ocidente – já não constitui um pressuposto óbvio da vida habitual; na verdade, muitas vezes é negada, depreciada, marginalizada e ridicularizada» (Papa Francisco, Discurso à Cúria Romana, 21 de dezembro 2019). Importa, por isso, ultrapassar os esquemas habituais, as agendas e calendários que já não se adequam ao homem e à mulher de hoje. Precisamos, verdadeiramente, de missão, de evangelização, de um novo fulgor que repete nos nossos dias o empenho missionário de que se sentiram revestidos os primeiros discípulos de Cristo na Ascensão: testemunhar Cristo vivo e fazer todos participantes dessa experiência viva, desse encontro que muda de forma decisiva o rumo da vida e as decisões a tomar.

A missão, radicada em Cristo, oferece o horizonte da vida eclesial. Vemos assim refratadas as cores da esplendorosa comunhão que é a Igreja, reflexo da luz de Deus. Esta comunhão é também testemunhada na Visita Pastoral: o Bispo é sinal da solicitude por todas as Igrejas, e por isso sinal da comunhão com o Papa e com todos os Bispos, mas também é sinal da comunhão do ministério sacerdotal, Bispos e Presbitério, e oportunidade de cimentar esta comunhão.”

(extrato da Carta do Sr. Patriarca de Lisboa, D. Rui Valério, SMM, acerca das visitas pastorais destinada aos Vigários e seus adjuntos, publicada a 1 de outubro de 2024. Pela relevância do tema, e pelo modo como é proposta a reflexão, aqui publicamos uma parte do texto com autorização do autor).

COMUNICAÇÕES - INFORMAÇÕES

✦ Convocam-se todos os membros da Delegação para a habitual **Assembleia de Natal**, a iniciar no dia 07 de janeiro 2025 e a terminar no dia 8 de janeiro. Este ano coincidirá com a tomada de posse da nova administração para o triénio 2025-2027. O governo geral far-se-á representar nesta Assembleia. Outros dados mais específicos serão dados no próximo Boletim.

.....

✦ O P. Carlos Vieira irá representar a nossa Delegação na **missa do Jubileu dos 265 anos da edificação da igreja da Falagueira**, agora igreja paroquial, que irá acontecer no dia 16 de novembro próximo, às 17.00 horas. Presidirá à Eucaristia o Sr. Patriarca de Lisboa, D. Rui Valério. Após o encerramento da presença monfortina em Vila Real, em 1935, a 2 de novembro de 1936 chegam os padres J. Limpens e J. M. Frissen e L. Menten para constituir a Procuradoria das Missões no Patriarcado de Lisboa (Amadora). Dezenas de missionários passaram por essa comunidade onde aprenderam a língua portuguesa e tiveram o primeiro contacto com a cultura portuguesa rumando depois a Moçambique e à fundação do seminário monfortino em Portugal.

.....

✦ **XXXVIII Assembleia geral da CIRP**, de 18 a 19 de novembro 2024, em Fátima. Terá como tema: Missão partilhada. Participarão o Superior da Delegação e o P. Carlos Vieira.

.....



ENDEREÇOS DOS MISSIONÁRIOS MONFORTINOS EM PORTUGAL

☐Página Web: www.monfortinos.pt

☐Youtube: <https://bit.ly/3jzPbCw> ou https://www.youtube.com/results?search_query=monfortinos+em+portugal

☐Facebook: <https://bit.ly/3np879a> ou <https://www.facebook.com/groups/monfortinosportugal>